

RESENHA CRÍTICA

Anjos, Rafael Sanzio Araújo dos. *O Brasil Africano: algumas referências dos séculos XVI-XXI – Cartografia para educação*. CIGA, Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, Brasil, 2014. Mapas Editora & Consultoria. ISBN: 978-85-87763-16-7.



Três mapas que proporcionam compreensões múltiplas e informações que transcendem tempo e espaço, que reúnem vidas, tradições e memórias, que nos levam a repensar os nossos conhecimentos sobre o Brasil e a África.

Este foi o trabalho realizado pelo geógrafo Rafael dos Anjos quem, desde vários anos, nos tem oferecido uma visão atualizada e abrangente sobre o passado e o presente das populações Afro-brasileiras e Africanas.

Seus mapas nos levam a transitar pelos séculos XVI e XXI, constituem suporte didático para o estabelecimento de associações variadas e, principalmente, facilitam a emergência de percepções que ainda resistem a ser interpostas e valorizadas socialmente nos dois lados do Atlântico.

O panorama retratado é complexo e as camadas de realidades que se sobrepõem em cada prancha trazem consigo o profundo conhecimento que o professor Dos Anjos tem desenvolvido sobre a matéria.

Desta forma, referências históricas, geográficas e culturais são tratadas conjuntamente; os espaços humanos, físicos e políticos se inter cruzam e dinamizam temporalmente as humanidades em movimento.

As dinâmicas que simultaneamente atingem o Brasil e a África desde os anos quinhentos são vistas em ampla perspectiva e, sem dúvida, aí reside um dos aspectos mais interessante deste trabalho.

Definitivamente, as projeções cartográficas realizadas pelo prof. Dos Anjos permitem tratar temáticas que implicam o professor, o aluno e o estudioso. No Brasil, o movimento pelo reconhecimento dos territórios tradicionais tem aí fonte de inspiração tanto quanto os grupos mais relacionados à promoção sócio-cultural, à compreensão dos processos sociais que desencadearam novos espaços identitários e os seus reflexos nas sociedades atuais.

O continente africano, por sua vez, se descortina através seus diferentes grupos étnicos e políticos, a dimensão do território e as paisagens humanas adquirem em concretude o que, cartograficamente, era praticamente inexistente no Brasil. Por este meio, a empresa escravocrata é exposta em detalhes, suas fases e áreas de influência são, aqui e lá, temporalmente e espacialmente identificadas.

Que o trabalho do professor Dos Anjos seja amplamente difundido e utilizado em nossas escolas. Tem-se aí base para problematizar as deslocamentos humanos durante a escravidão, os centros do comércio escravo na África e no Brasil ao longo de quatro séculos, os diferentes estados e chefarias estabelecidos no continente africano e os locais de concentração das populações transplantadas no Brasil.

O elenco de leituras e dinâmicas sócio- temporais se multiplicam através das indicações sobre os tratados comerciais que viabilizaram o tráfico negreiro e os ciclos econômicos que, no Brasil, se tornaram sinônimo de trabalho escravo.

Si de um lado a ordem escravocrata é espelhada, de outro lado, o movimento dos quilombolas, dos retornados e a nova diáspora é referenciada. As populações ameríndias não são de modo algum esquecidas, uma circunstância que nos possibilita inferências para melhor nos encontrarmos.

Estas são algumas das inúmeras associações que os mapas propiciam através de uma nova composição onde as projeções aproximam realidades sócio-culturais e são instrumentos de promoção de conhecimentos e direitos. O guia impresso é material que distingue estas diferentes camadas de compreensões e retraçam, passo à passo, a complexidade abarcada enquanto o cdrom integra o conjunto visual e chama atenção para as diferentes populações envolvidas.

A cartografia demonstra um conhecimento ligado à expansão e à justificativa territorial que, no nosso tempo como em outros, constatam alterações na paisagem humana e natural. Fato é que oceanos foram singrados, populações foram transplantadas, muros foram erguidos e valas foram abertas para defender possessões.

A maneira como o prof. Dos Anjos entrevê este conhecimento nos permite aprender com elegância tecnológica, com razões para o diálogo e saudável inquietude intelectual os nossos quinhentos anos. Que o interesse por esta “Cartografia para educação” possa se multiplicar tanto quanto os entendimentos que o material estimula.

Valéria Nely César de Carvalho. Ethnohistoriadora, Doutora pela Ecole Pratique des Hautes Etudes (EPHE), Paris.

Bruxelas, 31 de março de 2014